

# OS SERTÕES: HISTORIOGRAFIA E ESTETICIDADE

Hildeberto Barbosa Filho\*(UFPB)

Artigo recebido em: 11/11/2009  
Aceito para publicação: 21/12/2009

## RESUMO

Euclides da Cunha, como poucos, conseguiu em suas obras, atrair a atenção de tantos outros autores e historiadores. São inúmeros os estudos críticos sobre o seu legado da sua obra mais famosa **Os sertões**. A veracidade e o caráter documental e sociológico de seus escritos, em nada comprometem o seu vigor estético. Entretanto ainda existem críticas sobre o equilíbrio em sua obra, mas é preciso aceitar a sua importância na construção da crítica política e histórica da época em que fez sua pesquisa, deslocando-se para Canudos e publicando seu corajoso depoimento.

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha, **Os sertões**, ensaio.

## ABSTRACT

Euclides da Cunha, like very few manages in his works to draw attention to so many other authors and historians. There are innumerable critical studies on his legacy in his most famous work. The veracity and the documental and sociological character of his writings do not compromise the aesthetic vigor of his work. However, there are still critics who question the equilibrium of his work. But it necessary to accept his importance in the construction of the political and historical criticism of his age in which he did his research, displacing himself to Canudos and publishing his courageous denunciation.

**Key words:** Euclides da Cunha, **Os sertões**, essay.

---

\*Poeta e crítico literário paraibano. Mestre e Doutor em Literatura Brasileira com diversas obras publicadas, dentre as quais se destacam, no campo da poesia: **Ofertório dos bens naturais**, **Comarca das pedras**, **Caligrafia das léguas** e **Ira de viver e outros poemas**; no ensaísmo: **Arrecifes e lajedos**, **Literatura: as fontes do prazer e Lendo Borges**. É membro da Academia Paraibana de Letras e Professor da Universidade Federal da Paraíba.

Não são poucas as leituras de **Os sertões**, de Euclides da Cunha, desde 1902, ano de sua publicação. Essas leituras, que constituem a sua fortuna crítica, apresentam os mais diversos aspectos, as mais diversas tonalidades, as mais diversas interpretações.

Ora é o caráter científico, antropológico, etnográfico, geológico, geográfico, histórico, político e ideológico da obra; ora é sua possível natureza estética, cristalizada em categorias teóricas como epopéia, drama, tragédia, poema, saga, romance etc.; ora aparecem, em primeiro plano, as questões de linguagem e de estilo, convocando conceituações a exemplo de barroco, de impressionismo, de expressionismo ou mais epítetos abertos às ondulações do ritmo da frase, ao impacto das imagens surpreendentes e às particularidades lexicais e morfossintáticas do discurso.

Nenhuma obra da cultura brasileira deu margem a tantas análises multifárias, o que, de certa maneira, já sinaliza para sua complexa ontologia, para a dimensão emblemática, seminal, singular, radical e fundante de suas estruturas tectônicas e de suas latitudes verbais e expressivas. Talvez **Casa grande e senzala** (1933), de Gilberto Freyre – este, leitor e admirador de Euclides da Cunha –, possa se equiparar, na sua convergência de obra científica, filosófica e literária.

Por isto mesmo, não é difícil flagrar as oscilações da historiografia literária face ao *corpus* poliédrico de **Os sertões**, na sua textualidade tensional e na sua organização sistêmica, onde se mesclam, interagem e se complementam elementos da ciência e da arte, tópicos dos discursos descritivos, dissertativos e narrativos, assim como o pendor ensaístico associado às técnicas ficcionais e às insuspeitas ingerências da mais intensa linguagem poética.

Se o viés histórico, sociológico e documental da obra nunca foi negado, também não o foi a marca de sua esteticidade, o que permite perfeitamente inserir **Os sertões** na tradição do cânone literário. **Os sertões**, aqui, como obra de arte; como fato, é verdade, mas como fato que não elide a fábula, para nos remeter ao belo e sugestivo título do livro do professor Lourival Holanda<sup>1</sup>.

Aliás, esta tendência em apreender, de uma forma ou de outra, a dimensão estética da obra de Euclides da Cunha parece uma constante, se não na amplitude de sua fortuna crítica, pelo menos para o olhar crítico e historiográfico de muitos que se debruçaram sobre suas páginas.

Eis, assim, o que nos importa neste texto: verificar como os historiadores da literatura brasileira, principalmente os mais representativos, abordaram esta questão, alargando os horizontes de expectativa do leitor face à virtualidade estética da obra.

---

<sup>1</sup> O livro intitula-se Fato e fábula. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1999. O autor é professor de teoria literária na Universidade Federal de Pernambuco.

É José Veríssimo o primeiro historiador a falar sobre **Os sertões**, em artigo publicado, em 1902, no **Correio da Manhã**, e posteriormente compilado nos seus *Estudos de literatura brasileira: 5ª série*, edição da Itatiaia e da Universidade de São Paulo, de 1977.<sup>2</sup>

Mesmo que não seja rigorosamente uma apreciação de natureza crítico-historiográfica, uma vez que leitura elaborada ao calor da hora, este texto nos parece fundamental na construção de um olhar que aponta para a significação estética de **Os sertões**, numa daquelas típicas e intuitivas antecipações de José Veríssimo.

Logo no primeiro parágrafo o ensaísta como que ressalta o caráter, diríamos tridimensional, da obra, deflagrando a recorrente discussão em torno de sua ontologia. Vejamos: “O livro, por tantos títulos notável, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza como ao contato do homem, e estremece todo até ao fundo da alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as ‘secas’ que assolam os sertões do Norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos”.

Nesta trimensionalidade da obra, observe-se que José Veríssimo reconhece a sua notação estética, pois vê, em Euclides da Cunha, um homem de sensibilidade, um “poeta, um romancista, um artista”, qualidades estas que se materializam na sua escrita. Um poeta certa-mente pelas características da linguagem entrevistas em trechos que o ensaísta sobejamente transcreve, a exemplo das passagens a respeito do sertanejo, da terra, de Antonio Conselheiro e seus seguidores. Um romancista, embora o crítico não justifique o porquê, provavelmente pelos recursos ficcionais, sobretudo em termos de ação, de que o autor se socorre na terceira parte – “A luta” – do livro. Finalmente, um artista, talvez pela coerência de fundo e forma, de significado e significante que o texto de **Os sertões** ostenta, e à qual José Veríssimo, na esteira de Benedetto Croce, não poderia ser indiferente.

A atitude crítica, portanto, do ensaísta paraense é pioneira e vai ter ressonâncias não somente na abordagem dos historiadores que vêm depois dele, mas também em vários exegetas da prosa euclidiana. De Sílvio Romero, passando por Ronald de Carvalho, Nelson Werneck Sodré, Érico Veríssimo, Antônio Soares Amora, Alceu Amoroso Lima, Franklin de Oliveira, Alfredo Bosi, José Guilherme Merquior, até Massaud Moisés e José Aderaldo Castello, o fenômeno da *literariedade* de *Os sertões*, de um modo ou de outro, é tocado por todos eles. Seja a *literariedade*

<sup>2</sup> Todas as citações de texto serão feitas a partir desta edição.

nos seus aspectos romanescos, seja em suas modulações dramáticas e poéticas.

Só para darmos um exemplo, vejamos o que diz Augusto Meyer, num texto de cinco décadas depois, quando se atém à descrição daquele “soldado desconhecido” elaborada por Euclides: “(...) O termo técnico forneceu-lhe uma extraordinária imagem, impregnada de uma poesia dolorosa e irônica”. Neste pequeno ensaio – “Nota sobre Euclides da Cunha” –, o crítico gaúcho destaca elementos característicos do estilo euclidiano, do seu intenso “jogo antitético”, pontuado de antíteses, paradoxos e oxímoros que, interligados a outros procedimentos retóricos, como que conformam a natureza dramática e poética do texto.

Gilberto Freyre também se mostra seduzido pela inclinação da palavra estética de Euclides da Cunha e afirma que “sua literatura um tanto ciência, um tanto poesia tornou-se expressão viva do exotismo ou do tropicalismo brasileiro”. E neste diapasão, não são poucos os estudiosos que vão, ao longo do tempo, relevando cada vez mais as notações estilísticas, literárias e estéticas de **Os sertões**.

Afrânio Coutinho, por exemplo, privilegia o aspecto ficcional da obra e a classifica um tanto indecisamente como “um romance-poema-epopéia, no qual predomina o sentimento trágico”. Já Juarez da Gama Batista, ensaísta paraibano, num estudo de visível erudição, descortina, na obra euclidiana, marcas novelescas e incidências do teatro grego e do romance de cavalaria.

Não nos cabe aqui, neste tópico, discutir a problemática ontológica de **Os sertões**, o que já o fez, respaldado na lucidez de sempre, o crítico maranhense Franklin de Oliveira, no primeiro ensaio de **A espada e a letra** (1983). Apenas queremos ressaltar, na vertente da esteticidade, o pioneirismo de José Veríssimo, cuja voz crítica parece ecoar na perspectiva de leitura de quase todos os intérpretes posteriores.

No entanto – é preciso salientar –, apesar de sinalizar para a componente estética da obra, o autor de **Letras e literatos** (1936) faz severas restrições ao estilo de Euclides da Cunha. Embora lhe reconheça “força, energia, eloquência, nervo, colorido, elegância”, desaprova-lhe, todavia, o uso dos termos técnicos, o arresado da frase, a presença de arcaísmos e “sobretudo de neologismos”, assim como o abuso das formas oblíquas, entre outros traços, o que, segundo ele, contraria a índole da língua e da gramática, imprimindo ao estilo “um tom de gongorismo, de artificialidade, que certo não estava na sua intenção”. Ou seja, adianta: “(...) o maior defeito do seu estilo e da sua linguagem é a falta de simplicidade”, para afinal concluir: “ora, a simplicidade, que não exclui a força, a eloquência, a comoção, é a principal virtude de qualquer estilo”.

Estas restrições não podemos atribuir tão somente à maneira tipicamente adversativa da escrita em José Veríssimo. É preciso considerar, à época, seus limites

teóricos e metodológicos a par de sua militância crítica.

Preso ainda a certas concepções puristas do vernáculo e ao ideário do equilíbrio clássico em âmbito literário, assim como instado para a resposta crítica imediata nos rodapés do **Correio da Manhã**, não poderia, decerto, ir além do que foi. E asseguramos que, se não foi longe demais, abriu, no entanto, as primeiras veredas para o reconhecimento estético da monumental obra de Euclides da Cunha.

Hoje, soaria estranho condenar, no estilo de um escritor, a inventiva morfossintática, o aproveitamento de arcaísmos e a ousada proposição de neologismos. É de se perguntar: o que seria, por exemplo, de um Guimarães Rosa, submetido a critérios tais? Em último caso, talvez pela urgência imperativa da leitura, José Veríssimo não pôde seguir o princípio crítico de Tristão de Athayde: “Deixar que o livro morra em nós, para renascer depois, é tarefa capital da atividade crítica”.

Finalmente, destaquemos uma pequena passagem do artigo de José Veríssimo, passagem esta que, se não alude explicitamente à composição estilística, termina coincidindo com sugestivas interpretações de viés lingüístico e poético, na atualidade. No final do penúltimo parágrafo do seu texto, diz o crítico: “(...) Crime ou crimes haverá apenas nos tristíssimos sucessos do cerco final, conforme os conhecíamos pela divulgação oral, ou por algum escrito de pouco valor, e os narra agora, com vingadora veracidade, o autor dos *Sertões*.”

A idéia básica é essa idéia de vingança, uma vingança que, se para José Veríssimo se traduz no apelo à veracidade dos fatos narrados, com alicerces rigorosamente científicos, portanto de indiscutível valor, para um estudioso como Lourival Holanda, por exemplo, esta vingança se opera por via estilística e estética a partir da fabulação barroca da prosa euclidiana. Não seria o autor que se vinga: o texto é que é o vingador. Conforme Lourival Holanda, a seu turno, desenvolvendo idéias de Gilberto Freyre e de Walnice Nogueira Galvão, “a linguagem é aqui concebida enquanto um operador social transformante”. “Assim”, salienta o autor, “o modo narrativo intervém e imprime outra direção interpretativa ao evento”. Ao que acrescenta, mais à frente: “A ductilidade a que o narrador obriga a linguagem – ressurgência ou resíduo da tradição – vai permitir desfazer as amarras ideológicas através das figuras de retórica”.

Pode ser que as sugestões de que partiram estes leitores não surgiram precisamente do texto de José Veríssimo que, aliás e inexplicavelmente, não retoma o assunto Euclides da Cunha, em sua **História da literatura brasileira**, de 1916, porém nos parece inegável que estejam lá, como possibilidades antecipatórias da vigorosa estética de **Os sertões**.

Sílvio Romero, mesmo imprimindo um tom diferente às suas impressões sobre a obra do autor de **Contrastes e confrontos** (1907), recupera a linhagem temática e

formal dos argumentos de José Veríssimo, contribuindo, também, para selar a marca das virtualidades artísticas de *Os sertões*.

Em certo sentido, correspondendo à indiscutível notabilidade da obra, observada pelo crítico paraense, Sílvio Romero, em sua **História da literatura brasileira**,<sup>3</sup> além de considerar que o escritor carioca em nada deveu à “crítica indígena” que, segundo ele, não o entendeu claramente, uma vez que atenta tão somente às “cintilações do estilo” e às “douraduras da forma”, assim como a seu teor de “panfleto de oposição política”, assevera que “o livro não era um produto de literatura fácil nem de politiquices irrequietas”.

Mesmo que se perceba, nas palavras do historiador, o espírito de emulação em relação a José Veríssimo, e mesmo que nos devamos acautelar em relação a seus juízos de valor muitas vezes eivados de preconceito, Sílvio Romero percorre zonas fundamentais no que tange à expressividade verbal de **Os sertões**. Criticando o ambiente cultural da época, a fatuidade dos escritores, a mediocridade social e a ignorância dos intelectuais a respeito da realidade brasileira, sinaliza para a matriz didática da obra, da qual se poderia tirar “uma lição de educação demográfica, de transformação econômica, de remodelamento social”, embora não queira aprofundar estes pontos, porque já o fizera em seu Discurso de Recepção a Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras.

A Sílvio Romero interessa, neste passo, abordar a “parte artística do livro”, os méritos e as qualidades do escritor que nela se revela. Com este intuito, destaca, na estética de *Os sertões*, credenciais como: “[...] exatidão e relevo, naturalismo e brilho, consistência e colorido, poesia e verdade”. Chamemos a atenção para a expressão “poesia e verdade”. Trata-se de uma caracterização semelhante à de José Veríssimo, na medida em que se vê **Os sertões** como um livro de um homem que pensa, que conceitua, que descreve, mas que sente, que se comove, que se espanta... Que faz ciência mas que também faz obra de arte. Numa espécie de gradação ascendente, adjetivos como poderoso, intenso, esplêndido, magnífico, surpreendente são utilizados pelo autor de **Cantos do fim do século** (1878) para pontuar o estilo de Euclides da Cunha, seja descrevendo a terra, a fauna e a flora, seja descrevendo os tipos, os anti-heróis, as nevroses coletivas.

Se José Veríssimo não arrisca comparações, Sílvio Romero, por sua vez, coteja as páginas de Euclides com as de Dante, no **Purgatório**, e com os “quadros tétricos

---

<sup>3</sup> Publicada em 1888, pela Garnier, em dois volumes, com 804 páginas, a obra de Sílvio Romero teve uma segunda edição em 1902, também em dois volumes, desta feita com 1273 páginas. A terceira edição, em cinco volumes, organizada por Nelson Romero e publicada pela José Olympio, é de 1945. Cf. CARPEAUX, Otto Maria. Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d., p. 33. As citações de texto serão feitas a partir da sétima edição, publicada pela José Olympio em convênio com o Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, em 1980.

de Dostoiévski”, chegando mesmo a afirmar, sempre emulando com o ensaísta paraense, que, em **Os sertões**, a “língua atinge a perfeição”. Neste sentido, levando-se em conta a crescente valorização da esteticidade na grande obra de Euclides da Cunha, sobremaneira se pensarmos em ensaístas como Augusto Meyer, Franklin de Oliveira, Afrânio Coutinho, Juarez da Gama Batista e Lourival Holanda, entre outros, Sívlio Romero tem mais razão do que José Veríssimo.

Finalmente, Sívlio Romero, de algum modo contrariando a índole do seu espírito crítico de viés sociológico e culturalista, conclui sua leitura descartando os elementos extrínsecos à literatura, no caso a vida e o fim trágico de Euclides da Cunha, para reservar-se o direito de, com suas definições e seus exemplos, fornecer “uma idéia da superioridade da forma n’**Os sertões**, que o torna um dos livros máximos na literatura brasileira da língua portuguesa”. Diga-se ainda que a idéia de livro máximo também já antecipa o caráter seminal que muitos analistas sempre procuram ressaltar nesse texto de 1902.

Leitura também procedida sem aquela distância necessária não só à historiografia mas também à crítica literária, nem por isto podemos negar-lhe certas intuições, certas evidências e certos *insights* que robustecem, sem dúvida, a efetividade estética de **Os sertões**, tornando, assim, Sívlio Romero um dos primeiros autores que consolidam essa tradição.

Em que pesem o esforço e, em certo sentido, a lucidez destes dois precursores dos estudos sobre a singularidade artística de **Os sertões**, em perspectiva historiográfica, Ronald de Carvalho, em sua **Pequena história da literatura brasileira**, de 1919, mostra-se inteiramente alheio ao fato. No capítulo XI – *Século XX: o ceticismo literário. Reação nacionalista* – trata, em conjunto e sem as distinções devidas, de figuras como Afonso Arinos, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Graça Aranha e Euclides da Cunha.

Sem atentar para a pertinência dos historiadores que o precedem, ressalta, naquilo que ele chama de “página violenta”, apenas a força conteudística do livro, com considerações que tendem a minimizar uma compreensão mais complexa e mais completa da obra, principalmente quando conclui que “[...] a luta dos jagunços é um simples episódio, uma cena brutal, de que o autor se serviu para mostrar as populações do nordeste brasileiro, o seu *habitat* agressivo e os caracteres da sua existência”.

Surpreende que Ronald de Carvalho, personalidade afeita à crítica e à poesia, integrante dos debates sobre a modernidade, em Portugal e no Brasil, não tenha vislumbrado as possibilidades poéticas do estilo de Euclides da Cunha. O que ele escreve, em sua pequena obra historiográfica, é muito pouco e muito pouco convincente, sobre um livro que, à época, já era considerado um marco, um “livro

máximo” como diz Sílvio Romero, da literatura brasileira.<sup>4</sup>

O mesmo, contudo, não se pode dizer de um historiador como Nelson Werneck Sodré, em sua **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos**, de 1938.

Dentro da concepção estilística de Buffon, Nelson Werneck Sodré depreende que, no trabalho de linguagem de Euclides da Cunha, denuncia-se mais que uma intenção. Denuncia-se uma personalidade. Em Euclides, poderia afirmar o historiador, sobretudo no Euclides de **Os sertões**, “o estilo é o homem”. Mesmo que a palavra rara e o traço científico fossem características da época, no sentido de deslindar fronteiras entre os prosadores cientistas e os simples literatos, conforme argumentação do autor de **O naturalismo no Brasil** (1965), em Euclides estes elementos ganhavam inconfundível personalidade, jamais apreendida pelos seus epígonos e imitadores.

Para além da idéia de uma curiosa vingança estilística, já detectada em estudiosos como José Veríssimo e Sílvio Romero, surge, nas páginas de Nelson Werneck Sodré, a par de suas preocupações com os fatores econômicos e sociais a regerem o processo literário, a percepção do caráter isomórfico do estilo de Euclides da Cunha, isto é, a nota de um estilo em que significante e significado, conteúdo e forma, intenção e temática rigorosamente se correspondem. Falando acerca da prosa de *Os sertões*, ressalva: “Havia nela, além de tudo, a grandeza, como reforço, como realce intencional do tema, que tem, particularmente na obra mais divulgada de Euclides da Cunha, um tom de libelo, um teor acusatório, que se engrandeceria com a forma atormentada, que ganharia em força, pelo menos em eloqüência, para chegar mais viva e mais poderosa aos ouvidos e aos olhos a que se dirigia”. Este traço, todavia, não impede que o autor vislumbre, e o vislumbre equivocadamente, “na prosa torturada” de Euclides da Cunha, a sua “parte perecível”, o “obstáculo a transpor para os que dela se aproximam”.

Para Nelson Werneck Sodré, assunto e linguagem convergiam, e convergiam tanto que, diz o autor, “[...] a inverdade da forma corresponde quase sempre a

---

<sup>4</sup> A propósito, não é só Ronald de Carvalho que se revela indiferente à forma artística de *Os sertões*. De resto, os que promoveram a Semana de Arte Moderna, em 1922, assim como o próprio Modernismo paulista desconhece Euclides da Cunha, em seu corte vertical na tradição cultural brasileira e a modernidade latente de suas páginas de 1902. Veja-se, a título de ilustração, o que diz por exemplo, Mário de Andrade sobre *Os sertões*, numa passagem infeliz da Viagem etnográfica, de O turista aprendiz. “(...) eu garanto que ‘Os sertões’ são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma beleza genial, porém uma falsificação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar de uma literatura linda a largar a literatura d’uma vez pra encetarmos o nosso trabalho de homens. Euclides da Cunha transformou em brilho de frases sonoras e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopéia. Não se trata de heroísmo não. Se trata de miséria, miséria, miséria mesquinha, insuportável, medonha. Deus me livre de negar resistência a este nordeste resistente. Mas chamar isto de heroísmo é desconhecer um simples fenômeno de adaptação. Os mais fortes vão-se embora”.



uma inverdade de conteúdo, e por isso mesmo ocorre com muito mais frequência na parte dedicada ao estudo da terra e do homem, em que acolhe os conceitos e os preconceitos da ciência externa, a única de que se pode valer”.

Há, nesta observação do historiador, uma espécie de isomorfia pelo avesso, na medida em que o estilo falso leva a uma compreensão falsa e vice-versa. O que se dá, embora não haja comprovação textual, com certas passagens de “A terra” e de “O homem”, na perspectiva crítica e interpretativa de Nelson Werneck Sodré, não se opera, contudo, com “A luta”, porquanto, salienta o ensaísta, “quando surgem os acontecimentos, os episódios, as peripécias, o estilo se torna menos tortuoso, e a parte da campanha propriamente é muito mais acessível do que a introdução, de que pretendeu fazer um monumental bloco para servir de base aos fatos vividos”.

Historiador atento àquilo que René Welleck e Austin Warren chamam de “demanda extrínseca”, no focar a produção literária, Nelson Werneck Sodré nem por isso deixa de relevar a singularidade estilística e formal de **Os sertões**, ampliando e verticalizando, assim, o campo de sua estética.

Embora não seja, de fato, um historiador da literatura, mas um dos mais representativos romancistas do Brasil, Érico Veríssimo nos brinda, em 1945, com uma **Breve história da literatura brasileira**, resultado de um curso para estudantes americanos, nos Estados Unidos. O que ele escreve, no capítulo 7 – *O século era moço e cínico* – sobre **Os sertões**, reabastece a idéia de sua estética, sobretudo porque toca-se em aspectos fundamentais do problema, como o meio literário, o caráter de arte e de ciência da obra, seu toque romanesco e dramático, sua força seminal, seu estilo e sua unicidade enquanto clássico.

Criticando, à maneira de Sívio Romero, o ambiente literário medíocre e artificial, ambiente em que a literatura era “o sorriso da sociedade”, na feliz expressão de Afrânio Peixoto, diz o autor de **Incidente em Antares** (1971): “[...] O livro era um trabalho de artista, bem como de cientista. Soava como um libelo tremendo, e teve o efeito de um pesado meteoro luminoso, caindo inesperado dos céus”. A dimensão dramática e romanesca fica por conta de “A luta”, uma vez que, segundo o autor gaúcho, “tinha o sabor de um bom romance cheio de intrigas, pathos e drama”.

Érico Veríssimo não esconde suas virtualidades de escritor, de escritor que sabe tirar efeitos expressivos da linguagem, ao definir o que ele mesmo vê como o “estilo viril” de Euclides da Cunha, nestas palavras: “[...] suas frases são brilhantes e flexíveis como aço. Cintilam e às vezes têm a disposição cortante de um açoite. Sua prosa com frequência é nervosa, impaciente, quase feroz, mas por vezes adquire uma tranqüilidade disciplinada e até fria. Mas é sempre precisa e correta. E o matemático que era Euclides da Cunha se torna visível na qualidade geométrica das orações, no amor à exatidão e na estrutura dos parágrafos”.

Não só pelo estilo, mas também pelas possibilidades genológicas, **Os sertões**, segundo Érico Veríssimo, inaugura “um gênero de literatura regional” que o faz obra precursora na tradição literária brasileira, com isto antecipando as idéias de Franklin de Oliveira, no já referido ensaio, “Euclides Seminal”, de **A espada e a letra**. Para o autor de **O prisioneiro** (1967), o livro de Euclides da Cunha promove mutações radicais no *fácies* do regionalismo de índole romântica, ferindo de morte seu academicismo e mostrando que o oprimido – para muitos convencionais regionalistas, mero assunto literário – exigia urgentes soluções.

Finalmente, num trecho em que se convoca a qualidade de clássico para *Os sertões*, diz Érico Veríssimo: “Se eu tivesse de escolher só um livro na literatura brasileira para ser traduzido em outras línguas como representante de meu país e de meu povo, certamente seria **Os sertões**. É de fato nosso maior clássico. Fornece a chave mestra para a alma brasileira”.

Escritor antes de tudo, é sobremaneira a faceta formal e artística de **Os sertões** a ser privilegiada na breve, mas instigante leitura de Érico Veríssimo. Se clássico, como quer Jorge Luís Borges, não é um livro que tenha obviamente certos méritos, mas rigorosamente um livro “que as gerações dos homens, impelidas por diversas razões, lêem com prévio fervor e misteriosa lealdade”, temos convicção de que a obra de Euclides da Cunha é, na verdade, um clássico, assim como bem o classifica Érico Veríssimo.

Antônio Soares Amora, em sua **História da literatura brasileira**, de 1955, tocando *en passant* na obra de Euclides da Cunha, não deixa de alertar, principalmente, os críticos literários para os relevos estéticos de **Os sertões**, entendendo que, ao modo de olhar tipicamente euclidianos, “correspondeu superior capacidade artística”, não somente no que tange às fotografias humanas, da paisagem e das coisas, “mas também para a intensa dramatização das cenas, ora em termos épicos, ora em termos trágicos”.

Apesar de sucintas, suas palavras fazem coro à tradição que se vem esboçando em torno das latitudes estéticas de **Os sertões**.

Embora não teça grandes considerações analíticas sobre a obra máxima de Euclides da Cunha, Alceu Amoroso Lima, em seu **Quadro sintético da literatura brasileira**, de 1956, destaca sua importância, quer pelo tema quer pela linguagem, no espaço da literatura brasileira, situando-a no período do “Pré-modernismo”, que vai de 1900 a 1920, o que será tomado como modelo canônico, por exemplo, por um historiador da literatura brasileira como Alfredo Bosi.

O significado da classificação, conquanto nos pareça confuso o termo “Pré-modernismo”, na medida em que se pressupõe uma uniformidade semântico-estético do Modernismo, de resto insustentável, reside no fato de sinalizar para os ângulos modernos de **Os sertões**, seja a nível temático, seja a nível técnico-literário e estilístico, reforçando, portanto, a sua irredutível dimensão estética.

Em **A literatura no Brasil**, de 1959, obra coletiva sob a direção de Afrânio Coutinho, é Franklin de Oliveira o responsável pelo capítulo sobre Euclides da Cunha. Sem descartar os aspectos atinentes à “interpretação do Brasil”, o ensaísta maranhense tende a relevar, na sua leitura, questões intrínsecas ao problema da esteticidade de **Os sertões**. Interessa-lhe sobretudo a caracterização do livro enquanto “obra de arte da linguagem”, suas tonalidades epopéicas, poéticas e ficcionais; o estilo euclidiano e sua “obsessão pela palavra”, assim como suas marcas expressionistas e impressionistas.

Repassando as definições de vários estudiosos acerca de **Os sertões**, a exemplo de Alberto Rangel, Licínio Cardoso, Roquete Pinto, Afrânio Peixoto, Raja Gabaglia, Afonso Arinos de Melo e Franco, José Maria Belo, Sílvio Romero, Gilberto Freyre, Afrânio Coutinho, Araripe Júnior e José Veríssimo, entre outros, termina por concluir, balizado em estudos de Helmut Hatzfeld sobre o **Dom Quixote**, que o livro de Euclides da Cunha se enquadra “na categoria de *obra de arte da linguagem*”. Para ele, o fato é positivo por um lado, mas, por outro, é negativo, na medida em que, contraditoriamente, “Euclides acomodou-se aos cânones de uma época de verbalismo”. Ao que acrescenta: “Inclusive por este duplo aspecto a definição de **Os sertões** como *obra de arte da linguagem* corresponde melhor à natureza intrínseca do livro do que aquela que o caracteriza como *obra de ficção*”.

Este mesmo ponto de vista, defendido também em **A fantasia exata**, de 1959, vai ser revisto, no entanto, por Franklin de Oliveira no emblemático ensaio “Um problema de ontologia literária”, de **A espada e a letra**. É preciso dar a palavra ao próprio crítico que, por sua vez, revela não somente argúcia e profundidade analíticas mas também qualidade ética e intelectual, na medida em que, apontando os equívocos interpretativos de outrem, não deixa de assumir aqueles que ele mesmo cometeu. Depois de mostrar a precariedade das diversas classificações da obra de Euclides, considera: “(...) E tendo-se a chave da questão não se incidirá no equívoco de Franklin de Oliveira que, num passo de **A fantasia exata**, definiu **Os sertões** como *obra de arte da linguagem*, aplicando ao livro de Euclides a mesma definição do **Quixote** dada por Helmut Hatzfeld”. Ao que adianta, como conclusão: “[...] Esta definição é uma tautologia. Obra de arte da linguagem é toda obra literária. Ou bem ela é isto ou não será obra de arte literária, pois toda obra literária só se consuma como obra de arte quando é obra de arte da linguagem”.

Ocorre, porém, que a classificação anterior, rejeitada corretamente em **A espada e a letra**, de 1983, permanece na terceira edição de **A literatura no Brasil**, de 1986. O episódio é grave porque pode gerar confusão crítica e exegética, sobretudo no que diz respeito aos estudantes e a todos aqueles que desconhecem o belíssimo ensaio de Franklin de Oliveira. A propósito, esmiuçando o problema da ontologia literária de **Os sertões**, após desmontar, a partir de sólidas matrizes estéticas e filosóficas, indicações genológicas como romance, epopéia, ficção, poema, saga ou obra híbrida, arremata:

(...) Corte transversal na civilização brasileira, **Os sertões** é ensaio de crítica histórica, ostentando como o livro de Burckhardt sobre a cultura renascentista italiana, o de Huizinga sobre a cultura franco-borgonhesa no outono da Idade Média, o de Frederick Antal sobre Florença nos séculos XIV e XV, e o de Friedrich Heer sobre a história espiritual da Europa, os egrégios emblemas da obra de arte literária”.

À parte este tópico de taxinomia literária, devidamente estabelecido por Franklin de Oliveira no ensaio supracitado, são lúcidas e pertinentes suas observações a respeito do estilo euclidiano. Na esteira de ensaístas como Gilberto Freyre, Herbert Parente Fortes e Augusto Meyer, ressalta alguns elementos que lhe são característicos, a exemplo da já aludida “obsessão pela palavra”, assim como a “utilização dos vocábulos sônicos idênticos, de base consonantal ou vocálica; o emprego da reduplicação vocabular; o uso da antítese continuada; o apelo à hipérbole, ao paradoxo, ao oxímoro” e, sobremaneira, “a tendência incoercível para jogar com os adjetivos ou transformar quase tudo em adjetivo, ou quase tudo em função qualificativa”.

A estes recursos estilísticos, o crítico acrescenta outros, tais como a omissão do artigo definido, a coordenação polissindética, o uso de expletivas, o emprego da elipse, enfim, uma série de procedimentos retóricos que fazem da linguagem de **Os sertões** um raro paradigma de *literariedade*. Seja pelo expressionismo ou pelo impressionismo, seja pela natureza mítica e metafórica do seu realismo, como bem elucida Franklin de Oliveira, o que importa, na obra de Euclides da Cunha, no entanto, não é sua tão aludida riqueza estilística, riqueza aparente que é. A bem da verdade, como nos ensina o ensaísta. “a riqueza verdadeira de um escritor não está no menor ou maior número de seu vocabulário; antes, na forma pela qual atrita as palavras, obtendo deste atrito efeitos inusitados, fazendo com que, pelo imprevisível das combinações, as palavras pareçam novas”. A propósito, é o que sucede, por exemplo, com autores como Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Ariano Suassuna.

Se há aspectos superados, mormente no que se relaciona à camada temática e ideológica da obra, em função evidentemente dos limites teóricos da época, limites a que Euclides da Cunha naturalmente não pode-ria fugir, “reage **Os sertões**”, assinala Franklin de Oliveira, ratificando sua esteticidade, “pelo que nele há de permanecer: seu caráter de obra de arte literária”.

Na **História concisa da literatura brasileira** (1970), Alfredo Bosi também reforça a argumentação estética sobre **Os sertões**, acentuando, entre outros aspectos, a feição moderna do livro, entrevista na seriedade com que Euclides da Cunha, diferentemente de Ruy Barbosa e Coelho Neto, seus contemporâneos, trata a palavra, nele isenta do “vício decadentista de jogar com os sons e as formas à deriva de uma sensualidade fácil”. A sua modernidade se cristaliza ainda pelo dado precursor, naquela linha do exemplo seminal que alguns historia-dores detectaram. Alfredo Bosi percebe, com

razão, que “embora mais despojada no seu léxico, a ficção de um Lins do Rego e de um Graciliano Ramos tem mais pontos em contato com o duro e veraz espírito euclidiano que a maioria dos romances e contos regionais e neofolclóricos do começo do século, repuxados para o pitoresco e para o piegas”.

De outra parte, porém, não nos parece correta a atitude de Alfredo Bosi no sentido de considerar “prejuízo paralisante” ler **Os sertões** com “a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário”, uma vez que “a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo”.

Talvez com a obsessão de enquadrá-lo, sim, mas parece cômodo e mesmo impróprio, no entanto, não enfrentar o problema. A abertura a mais de uma perspectiva de que fala o historiador não deve se acomodar a uma classificação híbrida, mista, como “livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto”. A bem dizer, esta questão é fundamental. Voltemos ainda ao ensaio de Franklin de Oliveira que esclarece, de uma vez por todas, que nenhuma obra, “por mais complexa que seja a sua estrutura ontológica, deixa de pertencer a determinado gênero”. “Se o deixasse”, assegura o autor de **Morte da memória nacional** (1967), “ela perderia o estatuto de universo estético, de cosmo artístico, resvalando para o caos”, para, afinal, completar: “(...) Quando se diz que uma obra rejeita o imperativo categórico dos gêneros, na realidade o crítico está escamoteando a questão. Não é a obra que é rebelde às categorizações. O crítico – este, sim – é quem não alcança a sua complexidade, não penetra a sua substantividade, mostra-se incapaz de desnudar a sua essencialidade estética”.

José Guilherme Merquior, em **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira** (1977), é outro a que não escapa o vigor estético de **Os sertões**, embora se mostre indeciso entre a caracterização de “saga sertaneja” e “ensaio de ciências humanas”, quanto ao capítulo da classificação. Focando, a exemplo de tantos outros, a singularidade estilística de Euclides da Cunha, repassada por componentes estéticos indiscutíveis, elabora curioso cotejo entre a sua expressão verbal e a de Joaquim Nabuco e a de Ruy Barbosa, concluindo que a “prosa euclidiana é um caso de ‘escrita artística’ de alta voltagem, um idioma impressionista carregado de explosividade, porque embebido num *phatos* apocalíptico”.

Massaud Moisés, a seu turno, em **História da literatura brasileira**, de 1984, retomando o caráter plural da obra e considerando-a “polimórfica” e “caleidoscópica”, enfrenta, todavia, a sua problemática ontológica, numa posição bem diversa da de Alfredo Bosi, pois, face às “circunstâncias nada vulgares” de **Os sertões**, “não há como fugir à indagação prévia: como classificar a obra?”. Fundindo imaginação e realidade, fantasia e verdade histórica, nem por isto, assegura Massaud Moisés, “**Os sertões** são inclassificáveis”. Por outro lado, se “em nenhum dos ramos da árvore genológica cabe situar a obra não significa que a classificação se torna impossível”.

E para Massaud Moisés, a obra é um ensaio e como ensaio “deve ser examinada”, conquanto o reconheça como um ensaio – gênero a que é peculiar ampla “mobilidade estrutural e temática” – recheado de elementos estéticos e literários. O que nos causa surpresa, no texto do historiador paulista, é o fato de não fazer referência alguma ao ensaio de Franklin de Oliveira, que chega a conclusões semelhantes, conforme já o demonstramos.

Finalmente, José Aderaldo Castello, em **A literatura brasileira: origens e unidade**, de 1999, estranhamente toca apenas de passagem em Euclides da Cunha, sem se mostrar sensível aos vetores estéticos de sua tradição historiográfica. Preocupado com as contribuições realistas e naturalistas de fim de século, principalmente em torno das obras ficcionais, centraliza-se tão somente nos chamados antecedentes de **Os sertões**, a exemplo dos livros de Afonso Arinos e Manuel Benício, respectivamente **Os jagunços** (1898) e **O rei dos jagunços** (1899), dos quais, segundo o autor, Euclides da Cunha se serviu, “paralelamente com o conhecimento direto do fenômeno na região em que se manifestou submetido à reflexão proporcionada pela erudição científica, pelo conhecimento que ele teve do pensamento da época”.

Ainda que se reconheça o caráter de síntese de **Os sertões**, dentro de um viés regional, nacional e totalizador, é muito pouco se levarmos em conta o seu peso semântico e estético, ao mesmo tempo em que se considera a natureza enciclopédica da obra, sua dimensão de súmula e de balanço retrospectivo de um pesquisador que descortinou vastos elementos para o conhecimento da literatura brasileira.

Por esteticidade entendemos o conjunto daqueles fatores que fazem com que **Os sertões** ultrapasse a chamada função referencial – obra ensaística que é – para se instituir, sem qualquer prejuízo para a veracidade dos fatos sobre os quais reflete e aos quais narra, enquanto autêntica obra de arte literária, isto é, obra em que a função poética coexiste, em perfeito equilíbrio, com as outras funções da linguagem.

A este aspecto, a historiografia literária brasileira, através de seus vários cultores, não se mostra indiferente desde as suas primeiras leituras, inclusive flagrando nuanças e tonalidades estéticas que o ensaísmo contemporâneo, decerto mais aparelhado metodologicamente, vem confirmar.

Por isto mesmo, em que pesem, aqui e ali, o inoportuno de certas observações, a precariedade de certas abordagens, os equívocos, os preconceitos, as lacunas, queremos crer que, em termos de esteticidade, no caso Euclides da Cunha, mais especificamente no caso **Os sertões**, a historiografia literária brasileira mais acertou que errou. Parece que a singularidade da obra exigiu uma atitude menos convencional do leitor.

## REFERÊNCIAS

- AMORA, Antônio Soares. **História da literatura brasileira**. 9.ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1977. p. 168.
- BATISTA, Juarez da Gama. **O real como ficção em Euclides da Cunha**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba/Departamento Cultural, 1967.
- BORGES, Jorge Luís. Sobre os clássicos. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. São Paulo: Globo, 1999. p. 167. v.2.
- CARVALHO, Ronald. **Pequena história da literatura brasileira**. 9.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1953. p. 361.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade**. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 413. v.1.
- COUTINHO, Afrânio. Os sertões, obra de ficção. In: \_\_\_\_\_. **Euclides, Capistrano e Araripe**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959. p. 9.
- FREYRE, Gilberto. Euclides da Cunha, tropicalista. In: \_\_\_\_\_. **Vida, forma e cor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 170.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959. p. 62.
- MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 197.
- MEYER, Augusto. **Preto & branco**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956, p. 165.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984. p.561.
- OLIVEIRA, Franklin de. Euclides da Cunha. In: \_\_\_\_\_. **A literatura no Brasil**. 3.ed., revista e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986. v.4. p. 207-208. (Tomamos esta edição como referência para as citações.)

OLIVEIRA, Franklin de. Euclides da Cunha. In: \_\_\_\_\_. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 211.

OLIVEIRA, Franklin de. Um problema de ontologia literária. In: \_\_\_\_\_. **A espada e a letra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p.14.

OLIVEIRA, Franklin de. Um problema de ontologia literária. In: \_\_\_\_\_. **A espada e a letra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 26.

REVISTA Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.33-34, p.3-8, abril/junho de 1973.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 7.ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos**. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 495.

VERÍSSIMO, Érico. **Breve história da literatura brasileira**. 4.ed. São Paulo: Globo, 1997. p. 93.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de Literatura Brasileira: 5ª Série**. Belo Horizonte/SP: Itatiaia/USP, 1977. p.45.